

MÃES EM SITUAÇÃO DE POBREZA: CONSTRUINDO RESILIÊNCIA POR MEIO DO CUIDADO PARENTAL

Mothers in poverty: Building resilience through parenting

Madres en situación de pobreza: Construyendo resiliencia por medio del cuidado

Mères en situation de pauvreté : En développant la résilience grâce aux soins parentaux

10.5020/23590777.rs.v23i3.e12828

Larissa Araújo Matos  

Professora na Universidade do Distrito Federal, atuando no curso de Serviço Social. Coordenadora do curso de Serviço Social do Centro Universitário de Brasília. Possui experiência em diferentes áreas de atuação do Serviço Social e em projetos de pesquisa relacionados a temática Desenvolvimento Humano, Pobreza e Resiliência Familiar.

Hilda Rosa Moraes de Freitas-Rosário  

Professora Adjunto IV da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Educação e Diversidade na Amazônia (GEDAM). Coordenadora o Grupo de Estudos em Pedagogia Visual (GEPV). Atua nos cursos de licenciatura da UFRA, campus Belém, Letras Libras, Letras Português e Pedagogia.

Simone Souza Costa Silva  

Professora no Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento (NTPC/UFPA) onde atua no Programa de Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC). Além das atividades desenvolvidas no PPGTPC atua na faculdade de psicologia e no Programa de Pós Graduação em Segurança Pública (PPGSP). Está como editora associada da Revista Brasileira de Educação Especial.

Resumo

O presente estudo objetivou descrever como a resiliência se manifesta em mães, responsáveis por famílias em situação de pobreza. Para tanto, foi realizado um estudo qualitativo, com 13 participantes, divididas em dois grupos focais: mais e menos pobres. A média de idades foi de 35 anos para os participantes do grupo mais pobres e 44 anos para as mães do grupo menos pobres. A renda média do grupo mais pobres foi aproximadamente metade da do grupo dos menos pobres. A coleta de dados ocorreu em Centros de Referência de Assistência Social de Belém e na Universidade Federal do Pará respectivamente. Utilizou-se o método grupo focal para a coleta dos dados. Os resultados apontaram que a resiliência familiar se materializa no exercício do cuidar dos filhos, da mãe e outros sujeitos do convívio das participantes.

Palavras-chave: resiliência, pobreza, parentalidade

Abstract

The present study aimed to describe how resilience manifests itself in mothers responsible for families in situations of poverty. To this end, qualitative research was carried out, with 13 participants divided into two focus groups: more and less poor. The average age was 35 years for participants in the poorest group and 44 years for mothers in the least poor group. The average income of the poorest group was approximately half that of the less poor group. Data collection occurred at Social Assistance Reference Centers in Belém and the Federal University of Pará, respectively. The focus group method was used to collect data. The results showed that family resilience materializes in caring for children, mothers, and other subjects in the participants' lives.

Keywords: *resilience, poverty, parenting*

Resumen

El presente estudio objetivó describir cómo la resiliencia se manifiesta en madres, responsables por familias en situación de pobreza. Para tanto, fue realizado un estudio cualitativo con 13 participantes divididas en dos grupos focales: más y menos pobres. La media de edades fue de 35 años para las participantes del grupo más pobres y 44 años para las madres del grupo menos pobres. El ingreso promedio del grupo más pobre era aproximadamente la mitad del del grupo menos pobre. La recogida de datos ocurrió en Centros de Referencia de Atención Social de Belém y en la Universidad Federal de Pará, respectivamente. Fue utilizado el método grupo focal para la recogida de datos. Los resultados indicaron que la resiliencia familiar se materializa en el ejercicio del cuidar de los hijos, de la madre y otros sujetos del convivio de las participantes.

Palabras-clave: resiliencia, pobreza, parentalidad

Résumé

La présente étude visait à décrire comment la résilience se manifeste chez les mères qui sont responsables de familles vivant en situation de pauvreté. À cette fin, une étude qualitative a été menée auprès de 13 participants, répartis en deux groupes focaux : ceux qui sont plus et moins pauvres. L'âge moyen était de 35 ans pour les participants du groupe le plus pauvre et de 44 ans pour les mères du groupe le moins pauvre. Le revenu moyen du groupe le plus pauvre était environ la moitié de celui du groupe le moins pauvre. La collecte de données a eu lieu dans les Centres de Référence d'Assistance Sociale de Belém et à l'Université Fédérale du Pará, respectivement. La méthode du groupe focal a été utilisée pour la collecte des données. Les résultats ont montré que la résilience familiale se manifeste dans l'exercice du soin envers les enfants, la mère et d'autres personnes dans la vie des participants.

Mots-clés : résilience, pauvreté, parentalité

A resiliência tem sido considerada um fenômeno psicológico presente em todos os indivíduos, que pode se desenvolver e se manifestar ao longo do ciclo vital e sempre que a pessoa for submetida a uma condição adversa, real ou percebida. O enfrentamento das adversidades, isto é, dos fatores de risco que ameaçam o desenvolvimento, envolve a utilização de recursos sociais e individuais, que possibilita o desfecho positivo, ou ainda, adaptação positiva (Yunes, 2011; Masten, 2014; Pessoa et al, 2018; Oliveira & Nakano, 2018). Fatores de risco são definidos como eventos externos ou internos, que podem trazer prejuízos ao desenvolvimento saudável de indivíduos, grupos e famílias. A partir disso, um dos fatores de risco presentes no cotidiano de parte significativa da população brasileira é a pobreza.

No Pará, quase metade da população (46%) vivia abaixo da linha da pobreza no ano de 2017, de acordo com o levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019). Esses indivíduos ganhavam menos de 406 reais por mês. O estado possui o terceiro maior percentual de pobreza da região Norte, ficando atrás, apenas, do Acre e Amazonas. Além desses dados, em 2019, o Ministério da Cidadania apontou que 20,97% da população em Belém, capital do Estado, vivia em extrema pobreza, o que correspondia a 311. 525 pessoas. Essas informações evidenciam que em um país com números alarmantes de desigualdade social, negação de direitos básicos, onde pelo menos 65% da população tem, ao menos, um direito negado (IBGE, 2019), o papel do Estado em garantir condições mínimas para que as famílias consigam responder as suas demandas é fundamental.

Ainda que viver na pobreza ameace o bem-estar dos membros, ao aumentar a possibilidade de rompimentos dos laços familiares, transformando casamentos, aumentando os conflitos entre os pais e as relações entre pais e filhos (Moura & Sarriera, 2017), é possível que pressões econômicas e materiais provoquem o desenvolvimento de habilidades adicionais e fortaleça o vínculo dentro do grupo (Morais et al., 2010; Lima & Morais, 2016). Desse modo, mesmo em face às pressões existentes, o bom relacionamento familiar, a competência materna e a capacidade de transmitir valores podem promover o desenvolvimento de habilidades saudáveis nos indivíduos e na família, além disso, esses elementos podem ser identificados como fatores de proteção diante das adversidades (Coltro et al, 2020).

A partir disso, na tentativa de entender como se dá o funcionamento de famílias que vivem situações adversas, decorrente da presença de pessoas com deficiência, bem como as competências que marcam os sistemas no enfrentamento dos desafios, McCubbin e Patterson (1982) estruturaram o modelo duplo ABC-X.

O modelo duplo ABC-X é uma adaptação do modelo construído por Hill (1949-1958), cuja base conceitual examinou a variabilidade entre as famílias, ao estudar os estressores da separação e da reunião no período da guerra. McCubbin e Patterson (1982), em seu modelo, estudaram eventos estressores e o modo como as famílias enfrentavam as adversidades e

se adaptavam a estas. Para os autores, os componentes do modelo duplo ABC-X estabelecem relações dinâmicas entre si ao longo do tempo, sendo o A correspondente ao evento estressor; o fator B definido como os recursos que as famílias acionam diante do estressor; o elemento C é identificado como a percepção que a família tem do evento; e X é a adaptação que pode ser funcional ou não.

McCubbin e Patterson (1982) adicionaram várias contribuições ao modelo original, apresentado por Hill, que possibilitou sua ampliação a outros grupos familiares que vivem outros tipos de adversidades, como aquelas enfrentadas pelas famílias pobres. Destacaram a natureza histórica dos componentes do modelo, uma vez que os componentes A, B, C e X sofrem a ação do tempo, de modo que é preciso pensá-los de forma dinâmica e em construção.

Nesse sentido, ao descrever o componente A, os autores observaram a noção de *pile-up*, referente ao empilhamento de estressores que se influenciam mutuamente e que, juntos, alteram o sistema familiar. Por sua vez, o componente B, isto é, os recursos se transformam ao longo do tempo, na medida em que a família e seus membros aprendem e desenvolvem habilidades novas para enfrentar as adversidades, assim como o componente C, ou seja, as percepções sobre as adversidades mudam, na medida em que a família acumula experiência ao longo do tempo. O resultado, que é o componente X, sofre consequência do efeito da ação do tempo sobre os diferentes componentes do modelo.

Para McCubbin e Peterson (1982), o enfrentamento das adversidades pelas famílias revela a capacidade de adaptação do sistema diante das crises e se dá em duas fases fundamentais e distintas, a saber: ajustamento e adaptação. No primeiro momento, os ajustes se dão no nível interacional e se expressam em respostas transitórias. No segundo momento, denominado de adaptação, a família precisa fazer mudanças mais estáveis e duradouras em sua estrutura, o que pode incluir modificações em papéis estabelecidos, regras, objetivos e/ou padrões de interação.

Estudos consideram que, quando as relações familiares são permeadas por afetos positivos tendem a impulsionar as pessoas ao enfrentamento das adversidades e acionar processos de resiliência. Além disso, consideram que as relações constituem o motor do desenvolvimento, uma vez que colocam as pessoas e as famílias em movimento (Bronfenbrenner, 2011). Outros estudos destacam o papel do cuidado, da flexibilidade, da coesão familiar e do apoio mútuo como propulsores da resiliência familiar (Walsh, 2002; Libório & Ungar, 2013).

Os estudos sobre o exercício do cuidado no contexto das famílias revelam que este ainda é uma prática essencialmente feminina, mas nas famílias pobres assumiu, nas últimas décadas, novas faces diante do aceleramento da pobreza mundial (Maia et al., 2016). Dados do IBGE de 2018 revelaram que o número de mulheres responsáveis financeiramente pelo sustento domiciliar vem crescendo a cada ano e já chega a 34,4 milhões. Outro dado importante é que o arranjo familiar monoparental feminino, que tem a mulher como responsável pelos filhos de até 14 anos de idade soma mais de 11 milhões, o que representa, aproximadamente, 5% do total de arranjos domiciliares do país (IBGE, 2019).

A despeito das dificuldades, quando são as únicas responsáveis pelo provimento de suas famílias, essas mulheres tendem a estabelecer redes de apoio social, geralmente, com outras mulheres, parentes ou vizinhas. Além disso, sabem buscar apoio em instituições que prestam serviços para as demandas que possam ter, como os Centros de Referência de Assistência Social e outros espaços de garantia de direitos sociais. Ainda que tais contextos sejam precários ou ofereçam serviços que atendem parcialmente as suas demandas, eles são fontes importantes de proteção, orientação e auxílio diante das problemáticas vivenciadas por essas famílias (Azeredo, 2010).

Considerando a complexidade vivida por essas famílias, a literatura destaca a importância dos estudos qualitativos, uma vez que estes possibilitam acessar e produzir dados robustos sobre a vida de indivíduos e grupos. Nesse sentido, o presente estudo objetivou descrever como a resiliência se manifesta em mães, responsáveis por famílias em situação de pobreza.

Método

Trata-se de uma pesquisa com delineamento qualitativo, descritivo e compreensivo. A análise dos dados foi realizada manualmente, sob a inspiração da Teoria Fundamentada nos Dados (TFD), que visa descrever conceitos emergentes dos dados e interpretar a relação entre eles. O referencial teórico utilizado foi o modelo ABCX de McCubbin e Patterson (1982).

Local e participantes da pesquisa

A coleta de dados se deu em salas de aula do Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento na Universidade Federal do Pará, (NTPC-UFPA). Este estudo faz parte da tese de doutorado de uma das autoras, a tese foi elaborada em dois estudos quantitativos e um estudo qualitativo. Sendo assim, a seleção dos participantes para o presente estudo se deu a partir do banco de dados da etapa quantitativa da tese, que possuía 448 participantes em situação de pobreza, que responderam ao Índice de Pobreza Familiar (IPF), instrumento que avalia o nível de pobreza das famílias. De posse desses dados, os participantes foram divididos em dois grupos: a) os mais pobres (258) com renda média de R\$551,83; e b) os menos pobres (190) com

renda média de R\$ 1.118,28. Dos 258 mais pobres, 7 aceitaram participar do estudo e dos 190 menos pobres, 6 aceitaram participar da pesquisa. Para o presente estudo, portanto, participaram 13 mulheres na faixa etária de 34 a 44 anos, além de terem completado o ensino fundamental, 8 viviam em união estável e 5 eram solteiras. Os nomes das participantes foram modificados para garantir o sigilo.

Instrumentos

Foi elaborado um roteiro, cujas questões orientaram a condução dos grupos focais, realizados com responsáveis mais e menos pobres. A questão principal que estruturou este momento foi: “como você lida com as dificuldades da sua vida?”

Procedimento de coleta de dados

A presente pesquisa fez parte da tese de doutorado de uma das autoras, realizada em 2016. Foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos da Universidade Federal do Pará (UFPA) sob CAE 21653814.4.0000.5172, com a participação condicionada à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ressalta-se o cumprimento de todas as recomendações éticas anunciadas pela resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) 510/16.

A partir do banco de dados coletado para um dos estudos quantitativos da referida tese, foi estabelecido contato telefônico com um convite para participar do presente estudo qualitativo. Diante da recusa ou indisponibilidade, novos contatos foram realizados até que fosse alcançado o número mínimo de seis participantes em cada grupo. Os critérios de quantidade de participantes, necessário para a realização dos grupos focais, foram determinados de acordo com De Antoni et al., (2001), ou seja, entre 6 e 13 participantes no máximo que possuam certa homogeneidade para manter o diálogo sobre o tema proposto.

Foram montados dois grupos focais, um com mães mais pobres e outro com mães menos pobres. O encontro que orientou a coleta de dados dos grupos focais foi estruturado da seguinte forma: a) dinâmica de apresentação e socialização das participantes com a equipe de pesquisa e requerimento de autorização para gravação em áudio e vídeo; b) apresentação do tema de pesquisa – “como você lida com as dificuldades da sua vida?” –; e c) encerramento, com agradecimento e lanche. As sessões com cada grupo (mais e menos pobres) foram realizadas em dias diferentes e duraram em média 60 minutos. Na sessão, buscou-se obter informações que permitissem compreender como a resiliência se manifesta nas famílias das participantes.

Análise dos dados

A análise dos dados ocorreu seguindo o procedimento proposto por Strauss e Corbin (2008). Portanto, o estudo utilizou os elementos da TFD para a codificação dos dados, percorrendo os três processos básicos sugeridos pelo método, a saber: aberta, axial e seletiva. A análise das transcrições das falas das participantes foi realizada por meio do processo chamado de linha a linha, que resultou em códigos, conceitos e categorias. Posteriormente, foram aplicados os componentes do paradigma para identificar as condições, ações/estratégias e consequências vivenciadas pelas participantes. O referencial teórico utilizado foi o modelo ABCX de McCubbin e Patterson (1982).

Resultados e Discussão

A apresentação e discussão dos dados foram explorados em quadros separados, de acordo com os componentes do paradigma da TFD: condições, ações/estratégias e consequências e a relação com os elementos do modelo ABCX. A representação dos dados qualitativos será feita a partir da macrocategoria, das subcategorias, dos rótulos e das falas representativas.

Cuidar do outro: construindo resiliência

O primeiro momento do processo de construção do fenômeno do estudo foi a identificação dos conceitos. Em seguida, os conceitos foram agrupados em categorias que se mostravam mais amplas e completas sobre o fenômeno estudado. Posteriormente, foi necessário identificar e compreender as propriedades e dimensões das categorias, aplicar os componentes do paradigma (condição, ação/estratégias e consequências), de modo a identificar a relação entre as categorias, codificação aberta e axial, respectivamente, para então alcançar a categoria central da pesquisa, codificação seletiva e, por fim, a interação desse fenômeno com o modelo teórico ABCX. A Tabela 1 descreve a aplicação dos componentes do paradigma e posterior exploração sobre tais elementos.

Tabela 1*Componentes do paradigma aplicados aos participantes do estudo.*

O que está acontecendo aqui? (fenômeno)	Cuidar do outro: construindo resiliência
Onde acontece? (contexto)	Famílias em situação de pobreza
O que influencia? (condição causal)	Naturalizar o cuidado Fragilidade da participação da figura paterna
O que pode facilitar/restringir/dificultar? (condição interveniente)	Pouca participação paterna Dificuldades sociais e econômicas
Quais estratégias utilizadas para lidar com o fenômeno? (estratégias)	Espiritualidade/religião Crenças otimistas Valorizar educação Apoio institucional Auxílio governamental
O que acontece como resultado? (consequência)	Resolutividade Parentalidade positiva Sobrecarga de papéis Força e adaptação Naturalizar o cuidado

Observou-se em todos os relatos das participantes, dos dois grupos, que o exercício de cuidar de alguém esteve presente. Após as análises, releituras das falas e de todas as etapas sugeridas pela teoria fundamentada percebeu-se que a categoria era a que melhor descrevia as estratégias de enfrentamento e adaptação às adversidades adotadas pelas participantes em suas trajetórias. O cuidar do outro assumiu lugar de destaque nas falas, na medida em que as participantes atribuíam a esta ação o sentido de suas vidas, que por sua vez possibilitaria ao outro o acesso a serviços e direitos que em algum momento elas não conseguiram acessar. A partir disso, serão explorados abaixo a macrocategoria, as subcategorias, os rótulos e as falas representativas desses elementos, a partir da condição causal, interventora e contextual do paradigma aplicado. A Tabela 2 aponta como a fragilidade da participação da figura paterna, abandono paterno e dificuldades sociais e econômicas influenciam no cuidar do outro: construindo resiliência e a relação desses elementos com o modelo ABCX.

Tabela 2*Cuidar do Outro: Construindo Resiliência. Condições que estruturam a categoria cuidar do outro: construindo resiliência.*

Subcategoria (condição)	Fala representativa	Relação com o Modelo ABCX	Dimensão
Fragilidade da participação da figura paterna (condição causal)	“o pai não participa de nada, e ela me questiona porque ele não gosta dela.” (Nadime – GF mais pobres) “Quando ele vem do trabalho, ele passa vê os filhos, pelo menos na área da criação é minha, sempre foi minha, tudo sempre foi só eu.” (M ^a . Fernanda – GF mais pobres)	Componente A e C	Naturalizar o cuidado
Abandono paterno e/ou pouca participação paterna (condição interventora)	“Quando eu me separei, tenho seis anos de separada, eu tinha algumas coisas, né? Uma casa, mobiliada. Aí quando ele parou de dar as coisas (ex-companheiro), eu comecei a vender videogame, geladeira duplex eu também vendi, vendi tudo, ficou só a cama.” (Vitória – GF menos pobres) “Quando eu me separei do pai dele. Eu falei: ‘mano, acho que eu prefiro ver eles sofrer do que eu tá sofrendo na tua mão’. E passei a me virar sem o apoio dele.” (Teresa – GF mais pobres)	Componente A	
Dificuldades sociais e econômicas (condição contextual)	“uma vez, os meus filhos ficaram com fome em casa, todos os três, estavam sem comer há muito tempo.” (Fátima- GF menos pobre) “(…) eu já passei fome, eu já passei fome assim, de eu não comer e consigo pras crianças, mas as crianças eu não deixo faltar.” (Nadime – GF menos pobre)	Componente A	Acesso insuficiente a direitos sociais e econômicos

Observa-se que as participantes, em função da fragilidade de envolvimento dos companheiros e ex-companheiros na vida dos seus filhos (Componente A), são levadas a naturalizar o cuidado e passam a compreender esse papel como responsabilidade única delas. Essa naturalização do cuidado tem relação intrínseca com a ausência de apoio dos companheiros e ex-companheiros (Componente A). A ausência paterna pode ser entendida através de duas perspectivas: relacionada à falta de afeto do pai, ou seja, à distância emocional entre pai e filho, que pode acontecer mesmo quando se tem a presença física deste e a ausência paterna entendida como a falta de contato com o pai, que no presente estudo se deu pela separação conjugal (Sapienza & Pedromonico, 2005).

O contexto de dificuldade social e econômica que as participantes se encontram é agravado, na medida em que a ausência de apoio dos pais de seus filhos torna ainda mais difícil o acesso a recursos, serviços e outros bens. Além disso, essa ausência de apoio faz com que elas não consigam se manter em seus empregos por não terem com quem deixar os filhos (Sapienza & Pedromonico, 2005).

Diante disso, os recursos emocionais que as mães acionam para lidar com a ausência paterna na vida dos seus filhos e as dificuldades financeiras são percebidos como uma fonte de apoio e promoção de aspectos positivos a estes, diante de uma adversidade que os afeta diretamente (Eizirik & Bergmann, 2004). A partir das dificuldades apresentadas, as participantes acessaram algumas ações/estratégias que proporcionaram maior qualidade no desenvolvimento dos membros de suas famílias. A Tabela 3 descreve as ações/estratégias identificadas nos relatos das participantes.

Tabela 3

Cuidar do Outro: Construindo Resiliência (Ação/estratégia). Estratégias/ações acionadas pelas participantes que influenciam na macrocategoria cuidar do outro: construindo resiliência.

Ação/estratégia	Fala representativa	Relação com o Modelo ABCX	Dimensão
Acreditar que existe um ser maior que influência na vida	“Deus me recompensou dessa forma, com a minha família, agora eu tenho uma casa, meu marido é muito bom, me ajuda muito.” (Valéria – GF mais pobres)	Componente B, C	
Perceber as dificuldades como fonte de aprendizado	“Com toda dificuldade que a gente passa, a gente tem que tirar um momento pra gente poder aprender e sair daquela rotina ali também.” (Dai –GF mais pobres)	Componente B, C	Crenças otimistas
Perceber a educação como meio de melhorar de vida	“(…) tudo que a gente passa na vida é para servir como aprendizado porque antes eu era muito assim mal agradecida.” (Vitória – GF menos pobres)		
	“Sempre tive aquela vontade de estudar para ter as coisas” (Elaine – GF mais pobres)		
	“Então a vida é uma escola e pra gente progredir na vida a gente tem que sair daquela, daquele muro que foi criado pelo Estado. Você tem que estudar. Porque sem estudo você não é nada.” (Lorena – GF mais pobres).	Componente B, C	
Buscar respostas para suas demandas em diferentes instituições	“(…) a única ajuda que eu tenho é do SAI, que me dão o leite da criança, do bebezinho, eles me dão, tem às vezes que o pessoal lá do ICUI, a assistente social, ajuda a gente, com o pessoal da paróquia ajuda a gente.” (M ^a das Neves – GF mais pobres)	Componente B	Apoio institucional
	“Eu sou da Assembleia de Deus, de ilusões, né? Então, é, eu sempre falo, que o meu pastor e a minha pastora, eles são, como um pai e uma mãe que Deus colocou na minha vida, aqui.” (M ^a Fernanda – GF menos pobres)		
Fazer uso do seu direito a assistência social	“(…) que eu to sem trabalhar, o dinheiro que eu recebo é esse, que eu recebo do Bolsa Família.” (Teresa – GF mais pobres)	Componente B	
	“É assim que a gente vai se mantendo. Eu tenho o Bolsa Família e a minha menina também.” (Filomena – GF menos pobres)		

A dimensão crenças otimistas corresponde às ações/estratégias simbólicas acionadas pelas participantes. Um desses recursos, que emergiu em todos os relatos dos dois grupos, foi a interação das participantes com algum tipo de espiritualidade/religião (componente B e C), que pareceu exercer ação propulsora para o bom funcionamento familiar. As participantes do estudo atribuíram a Deus recompensas por suas escolhas de vida, dentre as quais a principal delas é ter uma família. Segundo as participantes, essa figura divina as recompensas, dando a elas, em troca dos cuidados oferecidos ao outro, suas famílias e outros ganhos, como sair da cidade de origem para a capital e garantir o acesso a recursos de saúde que não tinham.

Dentro do modelo de McCubbin e Paterson (1982), a espiritualidade corresponde ao componente B e ao C, isto é, um recurso acionado pelos membros da família que auxilia no enfrentamento das adversidades cotidianas, mas também é uma percepção, ou seja, o significado que as participantes atribuem ao problema, sendo assim, a maneira como a pobreza e outras adversidades atingem as famílias é influenciada pela crença em Deus, que influencia o rumo que a vida delas percorre, a crença nas adversidades e a própria vida, como sendo uma escola onde se aprende, também, com os problemas. Portanto, diante do estresse (A), a resposta de enfrentamento (X) é influenciada pelos recursos (B) e pelas percepções (C), na medida em que estas se tornam recursos que condicionam novas respostas de enfrentamento (Manning et al., 2018; Margaça & Rodrigues, 2019).

Observou-se, nos relatos, que as participantes não percebiam Deus como um ser punitivo diante das suas escolhas. Essa maneira positiva de perceber as intervenções divinas e as adversidades da vida como uma condição favorecedora de aprendizagens, parece ser uma crença favorecedora do seu desenvolvimento, de seus respectivos pares e filhos. A espiritualidade parece atuar como mola propulsora, diante de situações de negação de direitos e outras dificuldades, impulsionando essas mulheres em busca de respostas para as suas demandas e de seus dependentes, revelando capacidade de procurar soluções, geralmente, em prol da qualidade de vida de alguém que depende de suas decisões (Reis & Menezes, 2017).

Uma característica em comum entre as mulheres deste estudo é que, a despeito das problemáticas, elas não demonstravam acomodação diante da vida. Em termos gerais, as participantes revelaram a percepção de que elas eram capazes de tirar o melhor de cada situação adversa. Essas crenças pareciam mantê-las firmes no exercício do cuidado, uma vez que muitas dificuldades vivenciadas por elas tinham impactos significativos em outros sujeitos. A esperança de uma vida melhor para os filhos parece impedir essas mulheres de serem derrotadas por circunstâncias imediatas, porque elas possuem uma crença orientada para o futuro e por mais desolador que possa ser o presente, elas vislumbram um futuro melhor para si, seus filhos e pares (Walsh, 2016).

Outra ação/estratégia importante mencionada pelas participantes foi a valorização da educação (componentes B e C), que se expressa no esforço para manter os filhos estudando e incentivando a estudar para a superação de adversidades. A despeito das crenças pessimistas, que ainda permeiam a sociedade e discursos que desvalorizam a educação nas famílias em situação de pobreza, estudos demonstraram que essas famílias acreditam que para ser alguém ou crescer na vida é necessário ter acesso à educação. As famílias acreditam que podem ascender socialmente por meio do estudo formal e do trabalho e, por isso, tendem a reforçar a importância da educação para os filhos em idade escolar e tendem a praticar inúmeros esforços para mantê-los frequentando esses contextos (Garcia & Hillesheim, 2017).

Ainda sobre ações/estratégias na dimensão apoio institucional, observou-se que a busca por soluções para as demandas faz parte da trajetória de vida das participantes. Elas sabem recorrer a redes de apoio social em diferentes contextos, seja através das Igrejas ou Centros de Referência de Assistência Social. As relações com esses contextos trazem possibilidades de apoio em momentos de crise e podem criar oportunidades de desenvolvimento (Seibel et al., 2017).

Ademais, elas utilizam o seu direito à assistência social, por meio de auxílios governamentais (componente B), uma vez que todas são beneficiárias do Programa Bolsa Família. Em uma sociedade pautada pela desigualdade social e de renda, como no Brasil, é inegável a necessidade de políticas sociais que tentam aliviar as condições precárias de vida da classe trabalhadora em um sistema capitalista.

Além disso, estudos destacam os ganhos obtidos pelos beneficiários ao participar de políticas sociais que visam o combate à pobreza e o acesso a direitos como saúde, educação e trabalho. Esses programas podem ser percebidos como fator de proteção na vida das famílias pobres. É evidente que essa política merece ser mais bem planejada, porém, os dados apontam ganhos no acesso a bens e serviços pelas famílias (Soares et al., 2010; Santos et al., 2019).

A partir da análise dos dados, observou-se que as participantes se encontravam em processo de adaptação às adversidades. Ou seja, eram capazes de estabelecer mudanças e consolidar alterações estruturais, o que demonstra o esforço para inserir toda a família em uma dinâmica coerente, que trabalha em conjunto, em uma relação de apoio mútuo. Esse processo sugere que as participantes e suas famílias evoluem ao longo do tempo, à medida que trabalham em direção à adaptação positiva aos problemas (McCubbin & Patterson, 1982). A Tabela 4 explora as consequências e a forma como as participantes relataram se adaptar diante das dificuldades.

Tabela 4

Cuidar do Outro: Construindo Resiliência (Consequências). Consequências e adaptações que estruturam a macrocategoria cuidar do outro: construindo resiliência.

Consequências	Fala representativa	Relação com o Modelo ABCX	Dimensão
Buscar soluções para suas demandas	“Sempre fui de tomar atitude, de resolver os problemas, e sempre passo pros meus filhos. E isso eu não aprendi com a minha mãe, entendeu? Não, eu aprendi sozinha” (Filomena-GF menos pobres)	Componente X	
Exercer a parentalidade de forma saudável e positiva	“Tem muita dessa interatividade, um conversa com o outro, todo o tipo de assunto” (Elaine-GF mais pobres)	Componente X	
Exercício de diferentes funções: cuidar dos filhos, cuidados domésticos, trabalhar fora, buscar redes de apoio muitas vezes sozinhas.	“Porque eu já deixei de fazer muita coisa por causa do meu neto. Eu não me arrependo, mas às vezes a gente quer ter aquele dinheirinho, né? Nosso, né? (Dai-GF mais pobres)	Componente X	
Processo composto de respostas positivas ao longo da vida diante das adversidades	“fortes, que vão adiante”(código in vivo)	Componente X	Cuidado: propósito de vida

Observou-se, como resultado de toda essa dinâmica apresentada pelas participantes, que o cuidar do outro é a forma que elas se adaptaram às adversidades que lhes foram impostas, principalmente, pela pouca participação paterna na vida dos filhos, o que implica na ausência de escolhas. De fato, os dados revelam que às mães não cabe a possibilidade de se ausentar no cuidado, uma vez que sem elas os filhos não teriam em quem se apoiar. Para as participantes é inimaginável a possibilidade dos filhos lhes perceberem de modo negativo, tal como percebem em alguns momentos as figuras paternas. Dessa forma, fica evidente que, para as mães, o propósito de suas vidas passa pelo exercício do cuidado.

Observou-se que as participantes são mulheres resolutivas, que fazem tudo que é possível, mesmo com as dificuldades, para garantir qualidade de vida para si e suas famílias. São mulheres que não demonstram ter vergonha de buscar auxílio para suas demandas em outras instituições e que possuem noção sobre os seus direitos, ao acessar benefícios assistenciais do Governo. Adicionalmente, se for necessário, realizam “bicos” para manter o sustento da casa e, ainda assim, conseguem manter uma postura positiva diante das situações de dificuldade, mas sem demonstrar conformismo e acomodação. Essas mulheres aceitam as adversidades como aspectos que fazem parte da vida, mas não as tomam como derrotas.

Além disso, o exercício da parentalidade positiva e saudável demonstrou ser um aspecto de suma importância, tanto para as participantes quanto para as gerações mais jovens, sob sua responsabilidade. O exercício de cuidar do outro promove a resiliência nessas famílias, uma vez que, ao mesmo tempo que esse processo de cuidar se torna o propósito de vida das participantes, elas também exercem o papel de figuras importantes, especialmente, para seus filhos, fortalecendo a resiliência nesses sujeitos e sendo modelos de resiliência para seus filhos.

Destaca-se a predominância de uma estrutura na qual a mãe, ou a pessoa que desempenha o papel materno, é sobrecarregada com tarefas de subsistência, domésticas e de cuidado/criação dos filhos, fazendo, conseqüentemente, com que essas mulheres renunciem de alguns sonhos e algumas vontades em prol de outras. Embora o cuidado do outro seja, dentre as diferentes funções que executa, o propósito de suas vidas, é evidente a sobrecarga em que vivem essas mulheres, uma vez que exercem diferentes tarefas para atender esse papel. Para as mães que são responsáveis por lares monoparentais, esse cenário pode ser estressante, uma vez que exercem essa função, geralmente, sem apoio dos ex-companheiros.

Por fim, o cuidar do outro faz com que as participantes estejam em um constante processo, constituído por respostas positivas ao longo da vida diante das adversidades. Dessa forma, a adaptação familiar positiva está presente nos grupos estudados, principalmente em função do componente C (percepção). Esse elemento do modelo é fundamental, uma vez que a percepção influencia todos os componentes do modelo, o que explica o fato das participantes perceberem as dificuldades como sendo uma fonte de aprendizagem. É a combinação desse conjunto de componentes que permite às participantes darem repostas positivas às crises. Ou seja, as crenças interagem com os recursos disponíveis e com a fonte de estresse, o que permite acionar repostas para as dificuldades (McCubin & Patterson, 1982).

O presente estudo não tem o objetivo de “romantizar” os percalços que um número significativo de brasileiras(os) enfrenta cotidianamente. Embora muitos consigam responder de forma positiva diante das inúmeras situações de negação de direitos, bens e serviços, é importante destacar a necessidade do Estado, sociedade civil, iniciativa privada e outros setores, de garantir

condições para que as famílias em situação de pobreza saiam dessa condição, se desenvolvam dignamente e quebrem os paradigmas seculares da desigualdade social e da pobreza no país.

Ainda que as mudanças desse paradigma, pautado na desigualdade social no Brasil, estejam distantes de se romper, é evidente que as mulheres em situação de pobreza se organizam em prol do suprimento de suas necessidades e de sua família e que, muitas vezes, é uma responsabilidade que carregam sozinhas. Por isso, entender como, apesar das múltiplas adversidades, algumas mulheres e suas famílias conseguem acionar estratégias que possibilitam a resiliência e a manutenção da saúde emocional nesses grupos auxilia a compreensão dos processos que envolvem o desenvolvimento da resiliência. Esse conhecimento pode favorecer ações, não apenas junto às famílias que vivem em situações adversas, mas junto a grupos familiares em geral, que apresentam dificuldades de acionar estratégias promotoras de desenvolvimento.

Considerações finais

O estudo objetivou descrever como a resiliência se manifesta em mães, responsáveis por famílias em situação de pobreza. Sendo a resiliência um fenômeno que emerge de modos peculiares em diferentes sujeitos e grupos sociais. Com o auxílio da TFD e do modelo ABCX, foi possível ampliar a ordenação conceitual com a descoberta da macrocategoria “Cuidar do outro: construindo resiliência”, que contribui para a compreensão sobre a resiliência em grupo de sujeitos que vivem em condições adversas econômica e socialmente. As evidências empíricas revelam que o cuidado do outro exerce a função de mover as participantes no enfrentamento e superação das adversidades colocadas pela pobreza, além de servirem de modelo de resiliência para seus dependentes.

Entre as limitações do estudo, tem-se, especialmente, a impossibilidade de realizar mais de uma sessão com cada grupo. Contudo, a presente pesquisa contribuiu significativamente ao compartilhar como se deu o processo de resiliência das participantes, por meio do cuidar de alguém. Demonstrou-se que, mesmo sendo um processo multidimensional e particular, existem semelhanças nas dificuldades que unem mulheres em situação de pobreza, como as participantes do estudo.

Adicionalmente, sugere-se que investigações semelhantes sejam realizadas, não apenas com grupos de pessoas que vivem em situação de pobreza, mas também com outros grupos sociais que vivem em outras situações adversas. Entende-se que a realização de outras pesquisas sobre o tema permitirá o aprofundamento do fenômeno da resiliência e sua relação com o cuidado do outro em contextos de adversidade.

Referências

- Azeredo, V. G. (2010). Entre paredes e redes: O lugar da mulher nas famílias pobres. *Serviço Social, 103*, 576-590. <https://doi.org/10.1590/S0101-66282010000300009>
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: Tornando os seres humanos mais humanos*. Editora Artmed.
- Coltro, B. P., Paraventi, L., & Vieira, M. L. (2020). Relações entre parentalidade e apoio social: Revisão integrativa de literatura. *Contextos Clínicos, 13*(1), 245-269. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2020.131.12>
- De Antoni, C., Martins, C., Ferronato, M. A., Simões, A., Maurense, V., Costa, F., & Koller, S. H. (2001). Grupo focal: Método qualitativo de pesquisa com adolescente em situação de risco. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 53*(2), 38-53. https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/46620179/grupo_focal-libre.pdf?1466355499=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DGrupo_Focal_metodo_qualitativo_de_pesqui.pdf&Expires=1707674979&Signature=MCfc64CrHQaN6VYz~INIU2CKThqCyNZIN5UUIBBUalGvrsoBAQi2vtRl89JLHW7pSMdbLHQcBJns0zBkp0P-x5abCFUZNr1vAJoBCgGAU8ZJi5YeaPy1j2GcfB8onl7qeKyFkhhPyzzYDngPMmRokxz8VKYeKJdqGLxI~imneM9GhSUZz7w7r~jzPshGywu2oZ7MI~ISmMktP0WqJXNtYmHsDPAHDiaTlpJR0B3BypyBSw~EMjsX4m7P1Vtv~dx6UZSBdfgv7NSNiaJbjgPmWPrKyrWbgnfzwi gS3RrK0BEvPCU7gBqDZgoXOr9OWTpnB-ONkaWWuTxhpluq2N5g__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA
- Eizirik, M., & Bergmann, D. S. (2004). Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, 26* (3). <https://doi.org/10.1590/S0101-81082004000300010>
- Garcia, A. V., & Hillesheim, J. (2017). Pobreza e desigualdades educacionais: Uma análise com base nos Planos Nacionais de Educação e nos Planos Plurianuais Federais. *Educar em Revista, (spe.2)*, 131-147. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.51386>

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2019). *Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira: Coordenação de População e Indicadores Sociais*. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101979.pdf>
- Libório, R. M. C., & Ungar, M. (2013). Resilience as protagonism: Interpersonal relationships, cultural practices, and personal agency among working adolescents in Brazil. *Journal of Youth Studies, 17*(5), 682-696. <https://doi.org/10.1080/13676261.2013.834313>
- Lima, R. F., & Morais, N.A. (2016). Fatores associados ao bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes em situação de rua. *Psico, 47*(1), 24-34. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2016.1.20011>
- Maia, K., Dévide Júnior, A., Souza, S. D. C. I., & Araújo, F. B. de. (2016). O papel das mulheres pobres brasileiras na estrutura familiar monoparental feminina: Uma análise do ano 2012. *Revista Econômica, 17*(2), 97-122. <https://periodicos.uff.br/revistaeconomica/article/view/34994>
- Manning, L., Ferris, M., Narvaez-Rosario, C., Prues, M., & Bouchar, L. (2018). Spiritual resilience: Understanding the protection and promotion of well-being in the later life. *Journal of Religion, Spirituality & Aging, 31*(2), 168-186. <https://doi.org/10.1080/15528030.2018.1532859>
- Margaça, C., & Donizete, R. (2019). Espiritualidade e resiliência na adultez e velhice: Uma revisão. *Fractal Revista de Psicologia, 31*(2), 150-157. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i2/5690>
- Masten, A. S. (2014). *Ordinary magic: Resilience in development*. Guilford Press.
- McCubbin, H., & Patterson, J. (1982). Family adaptation to crises. In: H. McCubbin, A. Cauble, & J. Patterson (Eds.), *Family stress, coping and social support* (pp. 26-47). Thomas.
- Morais, N. A., Neiva-Silva, L., & Koller, S. H. (2010). Crianças e adolescentes em situação de rua: História, caracterização e modo de vida. In: N. A. Morais, L. Neiva-Silva, & S. H. Koller (Eds.), *Endereço desconhecido: Crianças e adolescentes em situação de rua* (pp. 35-61). Casa do Psicólogo.
- Moura Junior, J. F., & Sarriera, J.C. (2017). As relações entre pobreza e bem-estar: Uma revisão sistemática. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, 8*(2), 100-125. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2017v8n2p100>
- Oliveira, K. S., & Nakano, T.C. (2018). Avaliação da resiliência em psicologia: Revisão do cenário científico brasileiro. *Psicologia em Pesquisa, 12*(1), 1-11. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/23547>
- Pessoa, A. S. G., Coimbra, R. M., Koller, S. H., & Ungar, M. (2018). Resiliência oculta na vida de adolescentes com envolvimento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 34*, e34426. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e34426>
- Reis, L. A., & Menezes, T. M. O. (2017). Religiosidade e espiritualidade nas estratégias de resiliência do idoso longo no cotidiano. *Revista Brasileira de Enfermagem, 70*(4), 794-799. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0630>
- Santos, M.C.S., Delatorre, L.R., Ceccato, M.G.B., & Bonolo, P.F. (2019). Programa Bolsa Família e indicadores educacionais em crianças, adolescentes e escolas no Brasil: revisão sistemática. *Ciência & Saúde Coletiva, 24*(6):2233-2247. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018246.19582017>
- Sapienza, G., & Pedromonico, M. R. M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo, 10*(2), 209-216. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000200007>
- Seibel, B. L., Falceto, O. G., Hollist, C. S., Springer, P., Fernandes, C. L. C., & Koller, S. H. (2017). Rede de apoio social e funcionamento familiar: Estudo longitudinal sobre famílias em vulnerabilidade social. *Pensando famílias, 21*(1), 120-136. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100010

- Soares, F. V., Ribas, R. P., & Osório, R. G. (2010). Evaluating the impact of Brazil's Bolsa Família: Cash transfer programs in comparative perspective. *Latin American Research Review*, 45(2), 173-190. <https://doi.org/10.1017/S0023879100009390>
- Strauss, A., & Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada*. Artmed.
- Yunes, M. A. M. (2011). Psicologia positiva e resiliência: Foco no indivíduo e na família. In: D. D. Dell'Aglio, S. H., Koller, & M. A. M., Yunes (Orgs.), *Resiliência e psicologia positiva: Interfaces do risco à proteção* (pp. 45-68). Casa do Psicólogo.
- Walsh, F. (2002). A family resilience framework: Innovative practice applications. *Family Relations*, 51(2), 130-137. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2002.00130.x>
- Walsh, F. (2016). Family resilience: A developmental systems framework. *European Journal of Developmental Psychology*, 13(3), 313-324. <https://doi.org/10.1080/17405629.2016.1154035>

Como Citar:

Matos, L. A., Freitas-Rosário, H. R. M., & Silva, S. S. C. (2023). Mulheres em situação de pobreza: Construindo resiliência através do cuidado parental. *Revista Subjetividades*, 23(3), e12828. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v23i3.e12828>

Endereço para correspondência

Larissa Araújo Matos
E-mail: larissa-mattos@hotmail.com

Hilda Rosa Moraes de Freitas-Rosário
E-mail: hildarosamf@gmail.com

Simone Souza Costa Silva
E-mail: symon.ufpa@gmail.com



Recebido: 08/07/2021

Revisado: 20/11/2022

Aceito: 20/12/2022

Publicado: 22/09/2023